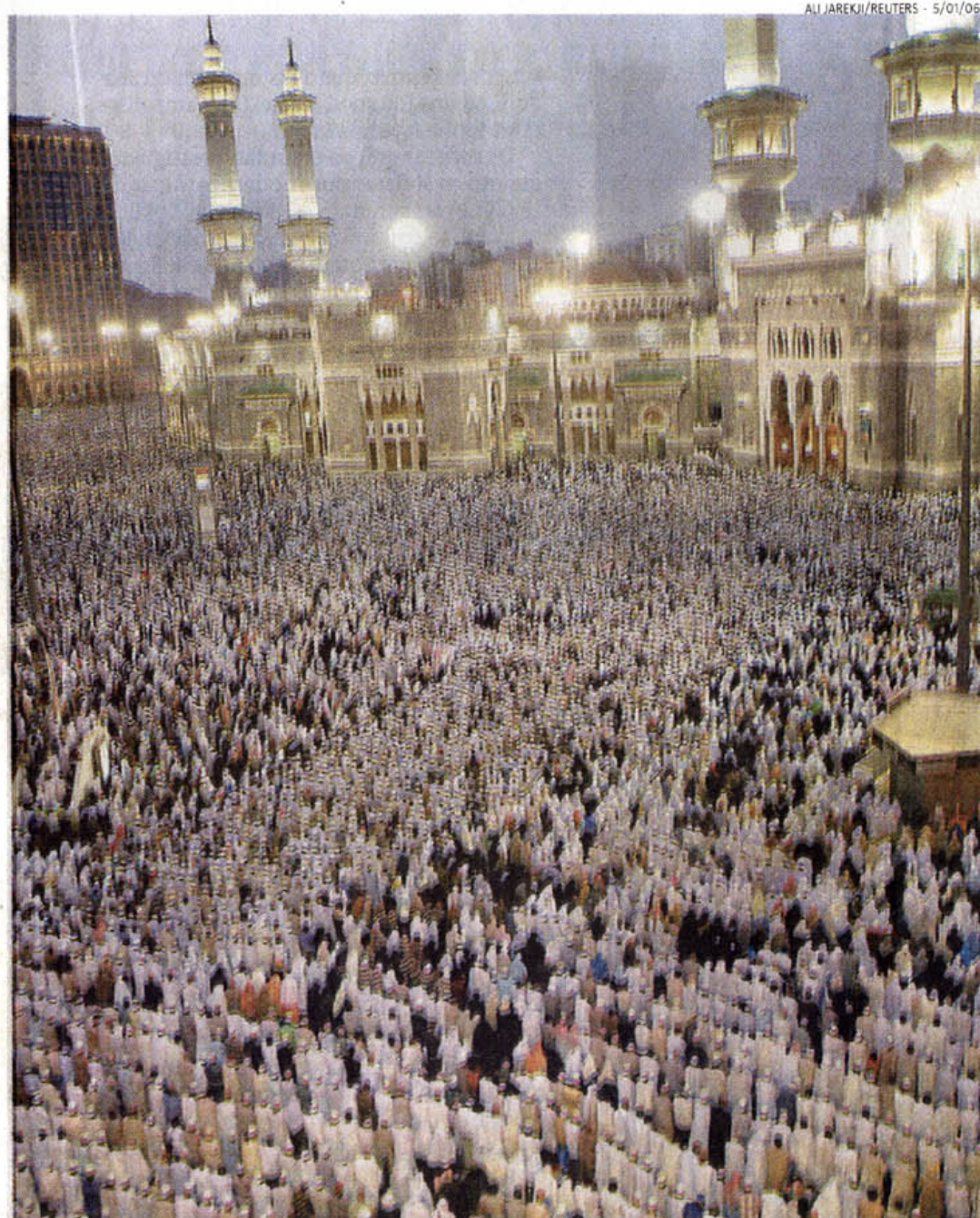


## LIVRO

O jornalista Ali Kamel analisa o islamismo e diz que se deve diferenciar a religião dos muçulmanos do terrorismo. Para ele, os norte-americanos não podem deixar o Iraque



Milhares de muçulmanos fazem peregrinação a Meca, na Arábia Saudita

## “Não há choque de civilizações”

O mundo vive um choque de civilizações? E dentro do Islã, qual a dimensão desse choque?

Não acho que o mundo viva um choque de civilizações. O mundo vive novamente a luta entre aqueles que amam a liberdade e aqueles que amam a tirania. Se no século 20 essa luta foi da liberdade contra o nazi-fascismo, de um lado, e o comunismo, de outro, agora é contra terroristas que querem impor ao mundo a sua concepção de uma religião. Não é a civilização ocidental contra a civilização islâmica. É a luta entre a civilização e a barbárie. O Islã está perfeitamente integrado à tradição judaico-cristã, porque é fruto dela. Com isso, digo que o Islã está contido no Ocidente e fora da barbárie. A imagem do Islã foi contaminada pela face dos que o corromperam, os terroristas. Esse Islã radical que explode bombas não é o Islã, mas a corrupção do Islã. O importante é que as três religiões têm uma mesma origem. E que o Islã se obriga a respeitar judeus e cristãos, sem ter a pretensão de convertê-los à “nova verdade”.

Por que no Oriente Médio a religião serve de justificativa aos sistemas ditatoriais e no Ocidente as religiões não são usadas dessa forma?

Essa é uma questão interessante. O Oriente Médio vive sob ditaduras, laicas e teocráticas. As teocráticas, sem dúvida, manipulam a religião para se manter. Nas laicas, são os movimentos de oposição que manipulam a religião como forma de combate. Prometem o fim das agruras, mas são apenas o seu novo começo, como ocorreu no Irã. O xá, que queria ocidentalizar o Irã a fórceps, foi derrubado por ser uma ditadura, mas o movimento vitorioso se transformou numa ditadura ainda pior, que controla cada centímetro da vida do cidadão, querendo impor-lhe o modo de vestir, de comer, de pensar. Isso é uma



O jornalista Ali Kamel

tragédia. Os jovens desses países, que vivem sob uma ditadura laica, devem olhar para o que ocorreu no Irã como forma de não repetirem o mesmo erro. Ditaduras devem ser combatidas para que a liberdade vença. Não se pode trocar uma ditadura por outra. O Ocidente, no entanto, viveu processo semelhante durante séculos, com a religião sendo a principal força motriz. A liberdade prevaleceu depois de muita luta. No fim, a razão venceu. Não será diferente no mundo islâmico.

Há muitos equívocos na maneira como fundamentalismo e Islã são tratados pela imprensa mundial contemporânea? Quais seriam os mais graves?

De fato, a mídia trata fundamentalismo e terrorismo indistintamente. Isso é um fenômeno mundial. Quase ninguém faz a diferença. Eu faço. Ser fundamentalista não implica ser totalitário. O fundamentalista é um fanático que vive a sua crença de maneira radical, mas sem querer impô-la aos demais. Pode fazer proselitismo, pode tentar ganhar almas, pode defender o seu ponto de vista com

garra, pode acreditar que é o único certo, mas não sai por aí tirando bombas em quem pensa diferente. O terrorismo islâmico, nesse sentido, pode até ser fundamentalista, mas não é isso o que o distingue. O que o diferencia é que ele quer impor a sua crença pelo uso da força a todos nós. Isso faz deles totalitários. A mídia não percebe essa diferença. E ao chamar indistintamente de fundamentalista o papa Bento XVI e usar o mesmo rótulo para os terroristas provoca mais do que uma confusão: produz injustiça. Porque o papa, como não poderia deixar de ser, vive a sua fé de maneira muito forte e acredita que é portador de uma verdade. Mas, desde o iluminismo, não sai por aí queimando pessoas que pensam diferente. Querem que o papa seja flexível em matéria de fé é bobagem, é não entender o que é a Igreja. Ele pode até ser fundamentalista, nesse sentido de viver a fé de maneira radical. Mas ao chamar também de fundamentalistas os terroristas, a mídia só cria confusão.

Os Estados Unidos deveriam sair do Iraque? O que pode acontecer depois dessa retirada?

Eles não podem sair do Iraque. Os democratas sabem disso. Se vencerem as eleições, tratarão de conseguir ajuda da Europa. Sair do Iraque é concretizar os piores temores. A Al-Qaeda poderia derrubar o atual governo, e, no fim de uma guerra civil sangrenta, teria um estado forte, rico e poderoso nas mãos. E teria todas as condições para recolocar seus planos em curso. Isso seria um pesadelo. Os democratas não dizem isso agora porque estão numa disputa eleitoral. Mas quando se sentarem na cadeira de presidente, botarão as barbas de molho. E farão tudo para resolver o problema do Iraque. Sair do Iraque não é solução, é mais problema.

# PARA ENTENDER O ISLÃ

NAHIMA MACIEL

Brasília – Islamismo, judaísmo e cristianismo têm as mesmas origens. São religiões nascidas do pressuposto da existência de um único Deus. Maomé, o profeta do Islã, legou ao seu povo o Corão, assim como Jesus deu os Evangelhos aos cristãos e Moisés deixou para os judeus a Torá. Nos três livros o deus é um só. O jornalista e sociólogo Ali Kamel parte desse princípio para mostrar as semelhanças entre as três religiões em *Sobre o Islã – A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*. O segundo livro do diretor de Jornalismo da TV Globo parte do nascimento das crenças e seu desenvolvimento nas civilizações passadas para tratar das origens do terrorismo islâmico, que perturba o mundo contemporâneo.

Autor de *Não somos racistas*, em que se posiciona contra as cotas para negros nas universidades e defende a inexistência do ódio racial no Brasil, Kamel foi beber nas próprias origens para se debruçar sobre o islamismo. “Quis mostrar o que é o Islã. Quis mostrar a religião pacífica que ele é. Quis mostrar as semelhanças com o judaísmo e com o cristianismo, que têm a mesma origem. E quis explicar aos leitores brasileiros o que os terroristas pensam, o que querem e o perigo que representam”, diz o autor, filho de imigrante sírio muçulmano com brasileira cristã.

Na primeira parte do livro, Kamel cita Abraão para explicar o que há em comum entre as três tradições, para em seguida narrar o surgimento dos braços sunitas e xiitas, até hoje correntes opostas da mesma doutrina. Aqui o autor aproveita para traçar o panorama histórico da expansão do Islã antes de entrar em discussões polêmicas que marcam a segunda metade do livro. Misoginia e violência no seio da religião recebem capítulos à parte. Neles, Kamel procura lembrar que é

apropriado não confundir a parte com o todo. Há, sim, sérios problemas de direitos humanos em relação às mulheres e violência exacerbada em determinados meios, o que não invalida a existência de um Islã moderno e menos radical. “Muitos parecem acreditar que o Islã não se moderniza, ao contrário do que ocorreu com o judaísmo e com o cristianismo. O Islã se moderniza, e com tal rapidez que provoca uma reação tão estrondosa como o terrorismo. Se não houvesse modernização no Islã, não haveria necessidade de terror. O terror não é a prova de que o Islã não se moderniza, mas prova o contrário: a forte modernização o faz surgir. Como reação”, acredita.

**FUNDAMENTALISMO** Totalitarismo e fundamentalismo surgem na penúltima parte do livro e aqui o autor se detém com precisão para esmiuçar a diferença entre o terrorismo e a vivência fundamentalista da religião. “Discordo totalmente de que se rotulem os terroristas de fundamentalistas, porque isso os enobrece. Fundamentalista pode ser um fa-

nático. Detesto fanatismo, mas fanáticos vivem a sua religião fanaticamente, sem impô-la a mais ninguém. O que defendo é que os terroristas não são uma ameaça por serem fanáticos. Eles são ameaça porque querem impor a sua visão de mundo a nós pelo uso da força”, diz.

Na parte final, Kamel responde a uma série de perguntas sobre a Guerra do Iraque. Defende que George W. Bush, presidente dos Estados Unidos, fez de tudo para conseguir o aval da ONU para invadir o Iraque, assim como não mentiu quanto à existência de armas químicas nas mãos de Saddam Hussein. “Não sou advogado de Bush. Mostro todas as bobagens que fez. Sou advogado da boa informação. Quero que nós saibamos a encruzilhada em que estamos”, avisa.

**SOBRE O ISLÃ – A AFINIDADE ENTRE MUÇULMANOS, JUDEUS E CRISTÃOS E AS ORIGENS DO TERRORISMO**

De Ali Kamel  
Editora Nova Fronteira,  
319 páginas  
R\$ 34

**PROMOÇÃO**  
CLUBE DE Assinantes

A VENDA NAS LIVRARIAS

**Orson**  
Um cachorro para toda a vida

**SÓ QUEM É ASSINANTE ESTADO DE MINAS É DAI TEM ESSE PRIVILÉGIO**

Accesse o site [www.ual.com.br/clubede](http://www.ual.com.br/clubede), ou ligue para (31) 3227-0080, somente hoje, até as 19h, e ganhe a 1 (um) exemplar do livro "Orson - Um Cachorro Para Toda a Vida", de Jon Katz - Editora. Serão contempladas 30 (trinta) assinantes. O resultado será divulgado a partir das 17h de amanhã, dia 03/09, no site [www.ual.com.br/clubede](http://www.ual.com.br/clubede) e dia 04/09, terça-feira, no caderno Classificados, seção Diversos.

Assinante contemplado: retire seu prêmio na Av. Getúlio Vargas, 291 - Funcionários, no dia 04/09, terça-feira, de 9 às 18h, apresentando documento de identidade e seu cartão do Clube de Assinantes, válido.

**ESTADO DE MINAS**

Não perca a próxima atração.  
LIGUE E ASSINE: (31) 3263-5800

Sedutora e profundamente comovente, esta é a história entre o autor, Katz, e Orson, o seu cão "inesquecível". Ele e seu companheiro canino exploram prados, florestas, se aquecem ao pé de um fogão a lenha e desenvolvem uma relação de amizade ímpar. Uma busca mútua por carinho e atenção, na qual ambos abraçam o destino que surge diante deles. Orson é o cachorro que cada um de nós tem guardado na memória.

www.ediouro.com.br